



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Caminhos da história dos Tupi Guarani e da Terra Indígena Piaçaguera



© Comissão Pró-Índio de São Paulo
São Paulo, março de 2023

Autoria

Igor Scaramuzzi

Projeto gráfico

Irmãs de Criação

Apoio à pesquisa e à publicação



As opiniões expressas nessa publicação são de responsabilidade da Comissão Pró-Índio de São Paulo e não podem ser tomadas como expressão das posições dos financiadores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scaramuzzi, Igor

Caminhos da história dos Tupi Guarani e da terra indígena Piaçaguera / Igor Scaramuzzi. -- 1. ed. -- São Paulo : Comissão Pró Índio de São Paulo, 2023.

Bibliografia.
ISBN 978-65-992968-7-1

1. Cultura indígena 2. Povos indígenas (Tupi Guarani) - História 3. Povos indígenas (Tupi Guarani) - Identidade étnica 4. Povos indígenas (Tupi Guarani) - Usos e costumes 5. Terras indígenas (Tupi Guarani) - Piaçaguera (SP)
I. Título.

23-146972

CDD-980.4109

Índices para catálogo sistemático:

1. Povos indígenas : Tupi Guarani : Piaçaguera : São Paulo : História 980.41

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Rua Padre Carvalho 175 • São Paulo • SP • 05427-100
cpisp@cpisp.org.br
www.cpisp.org.br



Comissão Pró-Índio
de São Paulo

Caminhos da história dos Tupi Guarani e da Terra Indígena Piaçaguera





Índice

- 01 Prefácio. Por que divulgar a “nossa” história..... ▽ 07
- 02 Apresentação..... ▽ 09
- 03 Os Tupi Guarani, a Terra Piaçaguera e o território tradicional..... ▽ 11
- 04 Destituição territorial e arregimentação..... ▽ 13
- 05 Tentativas de “pacificação e assimilação”..... ▽ 15
- 06 Resistência nos territórios..... ▽ 17
- 07 A presença Tupi Guarani..... ▽ 21
- 08 Fontes Bibliográficas..... ▽ 25



01

Prefácio

Por que divulgar a “nossa” história

“ Eu sempre acho importante divulgar a nossa história porque a gente precisa mostrar para o mundo que existimos. Aqui mesmo, no nosso município, têm pessoas que não sabem que existem comunidades indígenas. A nossa história tem que ser contada sim. É importante vocês ajudarem a contar a nossa história para que as pessoas conheçam o nosso modo de vida antigo e saibam que a gente continua nessa luta”
Lenira Djatsy, educadora e liderança, aldeia Nhamandu Mirim.



“ Com certeza é importante, porque não fica uma história só de boca: um falou, o outro falou. Todas as pessoas que vivem aqui sabem da história, porém muitas outras pessoas, não”, **Lilian Tupã Rendy, educadora e liderança da aldeia Piaçaguera.**



“ É muito importantesaber a história dos Tupi Guarani. Quando eu fiz faculdade ninguém conhecia nós como Tupi Guarani. Nós fomos os primeiros a ter contato com os não indígenas, quando chegaram da Espanha, de Portugal, desses lugares todos. Fomos proibidos de falar a nossa língua, de fazer muitas coisas da nossa cultura. E fazíamos tudo escondido. Por isso, os Tupi Guarani perderam um pouco da sua fala, de seus costumes. Mas hoje os mais velhos estão nesse trabalho de reforçar com as crianças e com os jovens para que não percam sua identidade e também para saberem quem somos. Que somos Tupi Guarani!” **Catarina Delfina dos Santos Nimbopyrua, aldeia Tapirema.**




02

Apresentação

Esta publicação busca trazer informações de cunho histórico sobre o povo Tupi Guarani e a Terra Indígena Piaçaguera, situada na região da Baixada Santista, no município de Peruíbe, estado de São Paulo.

O texto começou a ser elaborado no início do segundo semestre de 2022 para subsidiar uma série de reuniões e oficinas virtuais e presenciais realizadas pela Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPI-SP) juntamente com lideranças e comunitários(as) da Terra Indígena Piaçaguera sobre o tema da gestão territorial e ambiental nas Terras Indígenas.

Um dos objetivos importantes dos encontros realizados em 2022 foi trazer para os habitantes de Piaçaguera a possibilidade de debater sobre o Plano de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas (PGTA), uma ferramenta participativa que permite aos habitantes de uma Terra Indígena sistematizar, expor seus projetos, atividades e caminhos a serem percorridos para contemplar os planos das comunidades no que se refere às formas como desejam viver no futuro.



Essas reuniões acabaram por ser o início do processo de elaboração do PGTA na Terra Indígena Piaçaguera que continuará no decorrer do ano de 2023¹.

A pesquisa que embasou a presente publicação foi feita exclusivamente com o uso de fontes escritas, incluindo estudos acadêmicos, documentos estatais e informações disponíveis na internet. Seu objetivo inicial era desenvolver uma síntese com dados históricos e antropológicos dos Tupi Guarani. Nesse processo, foi observada uma importante ausência de materiais disponíveis e de fácil acesso sobre a história tupi guarani, que teve e tem um papel fundamental nas maneiras pelas quais os Tupi Guarani se relacionam com os não índios e nas formas como entendem, narram e elaboram discursos que envolvem sua historicidade, cultura, identidade e territorialidade.

Buscando contribuir nesse sentido, esta publicação apresentará de forma resumida e acessível um paradeiro geral da história da relação dos Tupi Guarani com o território tradicional e com o espaço da Terra Indígena Piaçaguera que compõe parte desse território.

As informações apresentadas nesta síntese tornam evidente o longo processo de expropriação territorial imposto a esse povo com o advento da colonização paulista. Como consequência, os Tupi Guarani tiveram seu território tradicional fragmentado, e boa parte dele se encontra atualmente densamente ocupado pelos não índios.

Apesar das dificuldades encontradas, poderemos perceber também a perseverança e força dos Tupi Guarani para manter o modo de ser e de viver e para fortalecer seus vínculos com os antepassados e com o território tradicional. Isso tudo, sem dúvida, nos traz aprendizados importantes sobre como enfrentar de forma resiliente e criativa os desafios que surgem e que irão surgir a partir de novas experiências históricas. Obrigado e boa leitura!!

Igor Scaramuzzi

¹Para subsidiar os encontros, foi elaborado o folheto *Plano de Gestão Territorial de Terras Indígenas (PGTA)* (Scaramuzzi, 2022) que contém de modo resumido pontos mais importantes sobre o documento PGTA e pode ser acessado no site da CPI-SP.

03

Os Tupi Guarani, a Terra Indígena Piaçaguera e o território tradicional

A história dos Tupi Guarani com seu território e com o espaço atualmente demarcado e homologado como Terra Indígena Piaçaguera é antiga e pode ser acompanhada pelos registros documentais e pela história oral desde pelo menos o início do século XIX.

A Terra Indígena Piaçaguera atualmente é habitada por 368 pessoas distribuídas em 12 aldeias (SESAI/Polo Peruíbe, 2022). Ela possui 2.773,79 hectares e seu perímetro está inserido no município de Peruíbe (estado de São Paulo), em um importante remanescente de mata atlântica da região da Baixada Santista, composto predominantemente pelas matas de restinga, localizado na área de transição entre a morraria da Serra do Mar e a beira do oceano.



Além da Terra Indígena Piaçaguera, os Tupi Guarani habitam atualmente diversas aldeias, Terras Indígenas e cidades no estado de São Paulo, situadas principalmente nas regiões do Vale do Ribeira, Litoral Sul e Baixada Santista².

De acordo com as descrições etnográficas produzidas até o momento sobre esse povo, embora existam os aspectos linguísticos e culturais, que são considerados elementos identitários importantes e que podem ser postos em evidência a depender do contexto, para os Tupi Guarani de Piaçaguera, o que circunscreve o coletivo do qual fazem parte são os vínculos de parentesco, delineados pela categoria local *família*. Entre os Tupi Guarani, esses vínculos não perdem força pelo fato de as pessoas morarem em lugares diferentes e muitas vezes terem pouco contato e convívio entre si. Desse modo, a ausência de convivência cotidiana e a distância geográfica não são empecilhos para as famílias e os grupos locais continuarem cultivando suas relações no território tradicional.

Esse aspecto assinala uma característica marcante do modo dos Tupi Guarani habitarem o território, a permanente circulação de pessoas pelas diferentes localidades onde há ou havia no passado a presença tupi guarani. Tal circulação e os percursos trilhados pelos indivíduos e famílias pelo território ocorrem por razões diversas, dentre elas, os casamentos, a fundação ou as mudanças de aldeia, ou as visitas aos parentes. Esse padrão de ocupação configura uma territorialidade que não é definida e orientada somente pelos limites geográficos, mas também pelas redes de relação entre as pessoas.



²Embora os Tupi Guarani sejam conhecidos em parte da literatura como “Guarani Nhandeva”, eles não se autodenominam na Terra Indígena Piaçaguera usando essa designação. Segundo a antropóloga Maria Inês Ladeira (1984), o etnônimo Tupi Guarani já era usado por algumas famílias no território tradicional desde a década de 1980. Cabe salientar que também existem algumas pessoas e famílias que os habitantes da Terra Indígena Piaçaguera consideram parentes que utilizam os etnônimos Tupi e Guarani Nhandeva para a autodesignação. Nos trabalhos acadêmicos sobre os Tupi Guarani desenvolvidos nos últimos anos – como Almeida (2011), Bertapeli (2015) Danaga (2012) e Mainardi (2010 e 2015) – os usos e as origens das autodesignações e as formas como são explicadas e enunciadas as diferenças e singularidades identitárias e culturais pelos Tupi Guarani ganharam grande evidência e foram temas centrais dessas pesquisas.

04

Destituição territorial e arregimentação

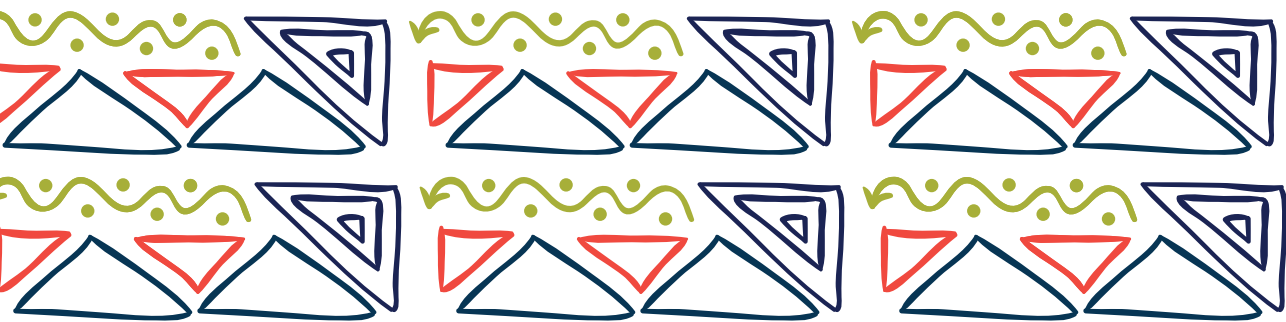
Podemos traçar a história dos Tupi Guarani a partir do advento da colonização paulista, que como ressalta Monteiro (1994), teve os grupos falantes de línguas da família Tupi Guarani, especialmente os Guarani, como a principal mão de obra utilizada pelos não índios para a ocupação do território correspondente ao atual estado de São Paulo. O recrutamento desses grupos ocorreu pela captura realizada pelos bandeirantes paulistas e através da catequização realizada pelos padres jesuítas.

No processo colonial, parte deles foi extinto pelas epidemias e pelas guerras de captura, e outra se integrou de diferentes maneiras na sociedade colonial em formação. Como ressalta Petrone (1995), esse processo de destituição territorial e arregimentação para o trabalho implantado no início da colonização também seguiu curso nos períodos do Império e da República.

Na história das relações dos povos indígenas com os não índios no território correspondente ao atual estado de São Paulo, algo bastante significativo, que consta nos documentos históricos desde os tempos coloniais até a República, é a constante tentativa dos não índios de controlar e restringir a circulação e a ocupação territorial desses povos pela constituição de ocupações ou assentamentos controlados pelos administradores coloniais/estatais.

Essas ocupações ou assentamentos com configurações completamente diversas das aldeias constituídas de forma autônoma pelos diferentes grupos, comunidades e povos indígenas, aparecem nas fontes documentais primárias e nas análises posteriores designadas com os termos “aldeamentos” (principalmente no tempo da Colônia e do Império) e de “Posto Indígena” ou “Posto de Atração” (no tempo da República, principalmente no período da atuação do Serviço de Proteção ao Índio). Eles tiveram configurações diversas ao longo do tempo, mas todos serviram no decorrer da história para desocupar terras para serem colonizadas, para concentrar as populações indígenas em localidades com extensões de terra diminutas e para arregimentar as famílias indígenas para trabalhos em empreendimentos e projetos de colonização diversos que foram implantados ao longo do tempo.

Por outro lado, se pode também depreender pelas fontes documentais que parte dessa população indígena conseguiu durante largo tempo se desvencilhar do cerco dos colonizadores, se espalhou pelos seus territórios tradicionais e foi ocupando localidades que ainda não haviam sido tomadas pelos não índios.



05

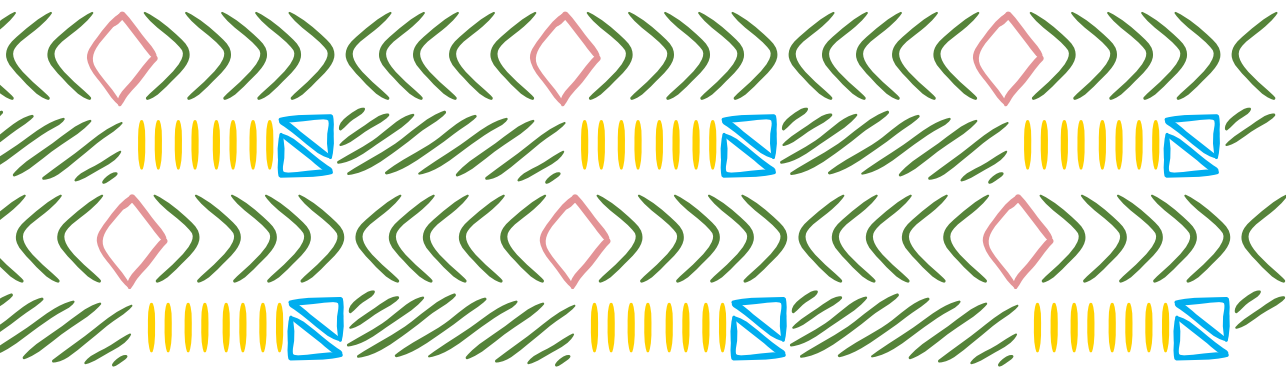
Tentativas de “pacificação e assimilação”

No entorno da Terra Indígena Piaçaguera, ao redor dos núcleos urbanos de Itanhaém e Peruíbe e nas regiões que abrangem o território tradicional dos Tupi Guarani, foram instituídos ao longo do tempo pelos administradores coloniais/estatais diversos assentamentos para a “pacificação e assimilação” dos grupos tupi e guarani que já estavam no território paulista. Posteriormente, essa mesma política foi imposta aos grupos guarani que vieram ao litoral de São Paulo da região do sul de Mato Grosso do Sul e do Paraguai no decorrer do século XIX: os Tanyguá (1820), os Oguahuíva (1830) e os Apapokúva (1870) que depois foram associados ao subgrupo Nhandeva³.



³O processo de migração guarani ocorrido ao longo do século XIX foi documentado pelo etnólogo alemão Curt Nimuendaju na obra clássica *Lendas da criação e destruição do mundo [...] (1987 [1914])*, que é um dos registros etnográficos mais concisos do período da República sobre os deslocamentos dos Guarani do interior do país para a Serra do Mar e sobre a ocupação guarani no estado de São Paulo, incluindo as regiões do Vale do Ribeira (Serra do Itatins/ Rio Itariri) e do Litoral Sul (região da aldeia Bananal e da Terra Indígena Piaçaguera).

O antigo Posto Indígena Bananal era uma dessas localidades. Ele foi instituído pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) no início do século XX e se localizava no entorno da aldeia Bananal (que já existia antes da criação do Posto Indígena) na atual Terra Indígena Peruíbe. Esse lugar, habitado até hoje pelos Tupi Guarani, foi onde viveu a maior parte de seus antepassados. Segundo os dados históricos disponíveis nas pesquisas de Schaden (1974), Ladeira e Azanha (1988), Bertapeli (2019) e nos estudos relacionados à identificação e delimitação da TI Piaçaguera e da TI Tenondé Porã (no município de São Paulo), parte dos grupos nhandeva, que no século XIX veio para a Serra do Mar, se instalou nesse Posto Indígena no início do século XX com a intermediação do Serviço de Proteção ao Índio.




06

Resistência nos territórios

Além da presença dos Guarani, que já frequentavam e habitavam essa região desde o século XVI, e dos Nhandeva, que chegaram no decorrer do século XIX, as fontes históricas salientam que o Vale do Ribeira e o Litoral Sul/Baixada Santista sempre foram habitados pelos remanescentes dos grupos tupi quinhestistas – designados nas fontes históricas como Tupinambás, Tupiniquins, entre outros etnônimos – que conseguiram resistir e permanecer nesse território após a conquista europeia.

No que tange especificamente à história dos Tupi Guarani, existem evidências concretas, tanto nas fontes documentais como na história oral contada pelos Tupi Guarani e pelos Guarani Mbyá, de que parte desses grupos remanescentes dos antigos Tupi habitou no início do século XX a região que abrange o Posto Indígena/Aldeia Bananal e o espaço que hoje faz parte da Terra Indígena Piaçaguera.

Benedito Calixto, um dos maiores expoentes da pintura brasileira do início do século XX, também possui um notável trabalho sobre a ocupação indígena nas regiões do Vale do Ribeira e Litoral Sul do estado de São Paulo. Apesar da visão pessimista e esteriotipada em relação aos povos indígenas característica da época, ele documentou de forma bastante concisa a presença dos grupos tupi nessa região em seu artigo "Primitivos aldeamentos e os Índios mansos de Itanhaém", publicado inicialmente no jornal *O Correo Paulistano*, em 1903, e posteriormente na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, em 1905:




"[...] têm, os descendentes desses índios vivido até os nossos dias nesse estado de abatimento e desanimo, em que os vemos cultivando as suas terras, que não são hoje mais do que pequena parcela de seu extenso patrimonio de outr'ora. Essas terras, ainda que exgottadas e empobrecidas pelo contínuo cultivo, não são nem foram jamais tão estereis como affirmam os srs. Generais Arouche e o brigadeiro Machado de Oliveira.

Ellas produzem o necessario para a subsistencia de seus habitantes, principalmente os terrenos de Peruhibe que são considerados excellentes para toda e qualquer cultura e criação.

Não consta também da tradição desse povo, as taes atrocidades e espoliações que eram infringidas aos habitantes dessa aldea e das demais, pelos seus administradores espirituaes, segundo referem os dois citados escriptores.

Ao contrário, toda essa região, occupada pelos aldeados de Itanhaém, foi outr'ora bem prospera e feliz.



Quem conviveu sempre com os descendentes dos índios aldeados e sonda ainda a tradição, latente na memoria desses íncolas, hade notar quo elles ainda tem reminiscencias saudosas dos tempos primitivos, e dos seus chefes espirituaes.



Hoje infelizmente esse povoado tem, de facto, decahido muito, porém, ha trinta ou quarenta annos era ainda uma população laboriosa e morigerada nos seus costumes, viviam em abastança relativa, sempre em paz, respeitando com muito acatamento os seus anciãos e seguindo sem discrepancia as praticas religiosas dos seus antepassados.

Tres ou quatro famílias de estrangeiros portuguezes, ou descendentes destes, constituíam o unico elemento extranho no meio dessa população aborigene, que se estende de um a outro extremo da praia de Peruhibe" (Calixto, 1905 [1903], p. 498).

Posteriormente, no decorrer da primeira metade do século XX, há evidências de que o Posto Indígena Bananal foi habitado também por grupos mbyá que chegaram ao litoral paulista vindos da região fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina, como observou Egon Schaden ao se referir a essa localidade na primeira metade desse século:

"Em sua totalidade, os moradores são do subgrupo Nhandeva. Parece tratar-se de uma horda que por volta de 1885 se dirigiu a esse território, vinda de Iguatemi, na região fronteira entre o Sul de Mato Grosso e o Paraguai. Durante cerca de um ano, mais ou menos em 1925, viveram também no aldeamento as famílias Mbüa vindas da região de Misiones e que mais tarde fundaram o núcleo Rio Branco (Itanhaém)" (Schaden, 1974, p. 6).






07

A presença Tupi Guarani


No que tange à convivência entre os grupos tupi, guarani e nhandeva e sobre a presença dos Tupi especificamente no Posto Indígena Bananal, são poucas as informações presentes nas fontes escritas. Para ajudar a preencher essa lacuna, a documentação sobre a história oral tupi guarani apresenta evidências importantes.

Nesse sentido, o *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Tenondé Porã* (Pimentel et al., 2010), que contém informações e análises detalhadas sobre a ocupação dos Guarani no estado de São Paulo, apresenta evidências dessas relações e sobre a presença dos descendentes dos Tupi no aldeamento Bananal através de dados genealógicos coletados no tempo das pesquisas de campo para o trabalho de identificação e delimitação dessa Terra Indígena:



“(…) parte das famílias que compuseram esse coletivo (Tupi Guarani) são (sic) grupos que nunca se deslocaram do litoral, tendo permanecido nos aldeamentos aqui existentes no século XIX. Esses grupos casaram-se com outras famílias guarani advindas de migrações ocorridas nesse período das quais participaram os grupos interceptados por Nimuendaju (1987 [1914]; 1954) e que foram classificados como pertencentes à parcialidade Nhandeva. As genealogias que fizemos comprovam essa afirmação uma vez que existem famílias para as quais não há qualquer memória de migração, seja recente ou remota, e que viram nas famílias chegadas dos grandes movimentos migratórios do século XIX possibilidades importantes de casamento entre não consanguíneos” (2010, p. 20).

A presença dos Tupi e o contato com os Guarani nessa região é reiterado pelos relatos orais dos Tupi Guarani, especialmente quando elaboram exegeses a respeito de suas origens, como relata Dora Tupi Guarani, habitante da TI Piaçoguera em depoimento dado em janeiro de 2007:



“Então, meu pai, ele era Tupi, Tupi puro. Minha mãe já morava em Mato Grosso, minha mãe não, minha avó. Então minha mãe veio de Ponta Porã no Mato Grosso, que meu pai é Tupi e minha mãe é Guarani. Então teve a mistura, aí ficou Tupi- Guarani. E os meus avós, da parte do meu pai também moravam nessa região, e da parte da minha mãe já de Mato Grosso também, Ponta Porã” (Peggion, 2008, p. 21).


Um aspecto importante evidenciado pelas fontes documentais já salientado que se conecta com a história de ocupação da Terra Indígena Piaçoguera é que, apesar da expropriação territorial, pressões e ameaças que vieram com o processo colonial, os Tupi Guarani sempre mantiveram aldeias e áreas de ocupação fora dos assentamentos controlados pelos colonizadores.

A região que atualmente faz parte do perímetro da TI Piaçoguera era uma dessas localidades, chamada pelos habitantes do Bananal de “Aldeia Velha”. Nessa localidade funcionava a estação de Trem Taniguá, da Estrada de Ferro Sorocabana, que ligava Santos a Juquiá.


A história oral dos Tupi Guarani indica que Piaçoguera sempre foi habitada por eles e que era um ponto de moradia de algumas famílias e um local de passagem daqueles que moravam na aldeia



Bananal e que utilizavam o trem para seus deslocamentos. Dona Joaninha e seu filho João dos Santos eram algumas das pessoas que moravam em Piaçaguera na época em que a estação do trem estava em funcionamento e relataram, em fevereiro de 2008, como era a ocupação e a circulação dos Tupi Guarani na Terra Indígena em meados do século XX:



“Eles vinham de lá, não tinham onde ficar e ficavam tudo em casa. Eram meus parentes, compadre Cesário, o pai da minha nora, a Zilda, Domingos (cunhado do Aroldo), o irmão do Aroldo, o Aroldo, tudo ficavam em casa, o pai da Cata, meu tio João Samuel. Enchiam minha casinha, eu tinha uma sala bem grandona ... iam pra Itanhaém vender artesanato e palmito, sofriam pra caramba ... Me procuravam ali, dormiam em casa porque pegavam o trem da madrugada” (Joaninha Tupi- Guarani, Aldeia Piaçaguera, In: Peggion, 2008, p. 10).



“Moramos lá na estação, aqui aonde agora fica a plantação de mandioca e coco, moramos um tempão aqui. Mas já tinha índio aqui também, e os antigos índios que foram morrendo tudo (...). Esse pedaço aqui, que sai daqui e vai na estação e sai na praia lá, chama aldeia velha. Dormiam na estação, às vezes, alguns dormiam em casa, porque a gente morava lá perto da estação, pra pegar o trem de madrugada que chamava Joaquim e voltavam no trem do meio-dia” (João dos Santos Tupi-Guarani, In: Peggion, 2008, p. 10).

Como se pode observar, os Tupi Guarani têm um longo histórico de ocupação na região e no próprio espaço que hoje compõe a Terra Indígena de Piaçaguera. Nesse sentido, a luta pela demarcação foi a forma que coletivamente encontraram para assegurar esse espaço de uso e ocupação e garantir condições para a continuidade de seus modos de ser e de viver diante do crescente processo de degradação e fragmentação do território tradicional provocado pela urbanização e implantação de empreendimentos diversos pelos não índios no decorrer da história.

Nesse sentido, a demarcação da Terra Indígena Piaçaguera foi uma grande conquista para os Tupi Guarani e mostra a resiliência e a força que eles tiveram para assegurar melhores condições de vida em um contexto de dificuldade e adversidade.





08

Fontes Bibliográficas

ALMEIDA, L. R. *Os Tupi Guarani de Barão de Antonina – SP: migração, território e identidade.* S(Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

BERTAPELI, V. Os fragmentos da história: primeiras notas etnográficas sobre os Tupi e Tupi Guarani. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* (Ciências. Humanas). Belém, v. 14, n. 2, p. 651-661, maio-ago 2019.

_____. *As metamorfoses do nome: história, política e recombinações identitárias entre os Tupi Guarani.* (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras UNESP. Araraquara. 2015.

CALIXTO, B. Primitivos aldeamentos e os índios mansos de Itanhaém. *Revista do IHGSP*, v. X. São Paulo, 1905 [1903].

DANAGA, A. *Os Tupi, os Mbya e os outros: um estudo etnográfico da aldeia Renascer – Ywyt Guaçu.* (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

LADEIRA, M. I., AZANHA, G. *Os índios da Serra do Mar – A presença Mbya Guarani em São Paulo.* São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, Nova Stella, 1988.

LADEIRA, M. I. Aldeias livres Guarani do litoral de São Paulo e da periferia da capital. *Índios no Estado de São Paulo: resistência e transfiguração*. São Paulo: Yankatu/ Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1984.

MAINARDI, C. *Construindo proximidades e distanciamentos: etnografia da Terra Indígena Piaçaguera/SP*. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.

_____. *Desfazer e refazer coletivos - O movimento Tupi Guarani*. São Paulo. (Tese de Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH/USP. São Paulo. 2015.

MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

NIMUENDAJU, C. U. *As lendas da criação e da destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-guarani*. São Paulo: Hucitec/ Edusp, 1987 [1914].

_____. Apontamentos sobre os Guarani. *Revista do Museu Paulista*, v. VIII. São Paulo, 1954.

PEGGION, E. A. *Estudos complementares da Terra Indígena Piaçagüera de acordo com Portaria 1170/PRES publicada no Diário Oficial da União em 29 de novembro de 2007*. (Alterada pela Portaria n. 51 publicada no DOU em 19/02/2008). Brasília: Funai, 2008.

PETRONE, P. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.

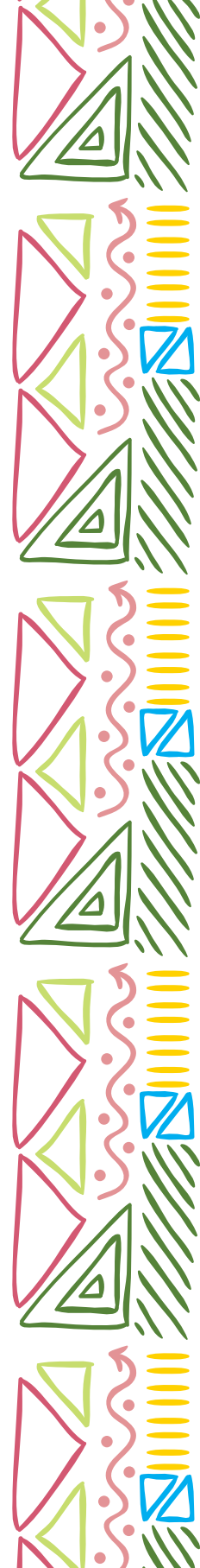
PIMENTEL, S. K., PIERRI, D. C., BELLENZANI, M. L. R., FUNAI. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação/RCID da Terra Indígena Tenondé Porã*. Brasília: Funai, 2010.

SANTOS, CR, FUNAI. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação/RCID da Terra Indígena Piaçaguera*. Brasília: Funai, 2002.

SCARAMUZZI, IGOR ALEXANDRE BADOLATO. *Plano de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PGTA)*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 2022.

SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3. ed. São Paulo, Edusp, 1974 [1954].

SESAI/POLO PERUÍBE. *Censo Terra Indígena Piaçaguera*. Peruíbe, 2022.





Comissão Pró-Índio
de São Paulo

ISBN: 978-65-992968-7-1



9 786599 296871

CL

